



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1420

FOTOGRAFIA DO PASSADO MARINGAENSE COMO RECURSO PEDAGÓGICO E METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Valéria Garcia Fernandes Leite
Docente do Ensino Fundamental e Médio - SEED

Ao se falar de fotografia e o seu uso em sala de aula, notadamente na disciplina de História, é necessário uma compreensão do que ela constitui enquanto produção humana e fonte documental, qual a sua utilidade, o seu leque de possibilidades de análises, bem como suas limitações. A partir deste entendimento é que podemos estabelecer parâmetros e análises sobre a forma de se utilizar este documento, não meramente com ilustração, mas como fonte de apreensão, compreensão e produção de conhecimentos. O objetivo não é colocar a fotografia como fonte única do saber histórico, mas considerá-la como um documento que deve ser investigado, interrogado, uma vez que é constituída, historicamente, de critérios ideológicos e sociais. Metodologicamente, utilizar-se-á uma fotografia do passado maringaense, pertencente ao Museu Bacia do Paraná, localizado na Universidade Estadual de Maringá – UEM. Primeiramente, se propõe através de registros escritos, uma análise iconográfica, destacando a identificação da fotografia pautada na investigação de sua origem, natureza, autoria, datação e características. Em seguida, propomos uma interpretação iconológica, pois entendemos que o significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito. Acreditamos que tais registros possibilitará ao aluno participar da experiência empírica no âmbito da História, pois permitem realizar uma leitura histórica da fotografia, de forma a favorecer o desenvolvimento da consciência crítica e compreensão dos conteúdos estudados, em especial do patrimônio cultural.

Palavras-chaves: Fotografia; Análise Iconográfica; Interpretação Iconológica; Patrimônio Cultural

1. INTRODUÇÃO

De acordo com as Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica, da Educação Pública do Estado do Paraná, as imagens, livros, jornais, histórias em quadrinhos, fotografias, pinturas, gravuras, museus, filmes, músicas são documentos que podem ser transformados em materiais didáticos

de grande valia na constituição do conhecimento histórico. (PARANÁ, 2006, p. 52).

Para tal compreensão é importante ressaltar que a palavra documento ao abarcar uma gama tão variada da produção cultural humana suscita, pelo menos, duas interpretações: os materiais produzidos com a intenção didática ou com objetivo de “comunicar conteúdos ou informações sobre determinadas disciplinas”; outro tipo é constituído pelos “fragmentos ou indícios de situações já vividas” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 90)

O uso de materiais iconográficos, neste caso a fotografia, pedagogicamente visam romper a dicotomia entre o conhecimento informal e o formal, desde que não sejam utilizadas meramente como ilustração, mas como meio de promover o conhecimento histórico, de forma mais dinâmica e “atrativa” aos olhos dos educandos.

Como bem lembra, Kossoy (1989):

As fotos não são meras ilustrações ao texto. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência da realidade que os originou (KOSSY, 1989, p. 20).

Assim sendo, eleger-se-á uma fotografia do passado maringense como fonte documental, considerando sua magnitude por condensar as informações sobre o processo de formação da cidade no aspecto visual.

Trata-se de fotografia pertencente ao Museu Bacia do Paraná, localizado na Universidade Estadual de Maringá – UEM. O acervo deste é composto por fotos, jornais, discos e outros objetos das décadas de 1930, 1940 e 1950 da Região de Maringá. Primeiramente, se propõe uma análise iconográfica, destacando a identificação da fotografia pautada na investigação de sua origem, natureza, autoria, datação e características. Em seguida, propomos uma interpretação iconológica, pois entendemos que o significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito.

Acreditamos que tais registros possibilitará ao aluno participar da experiência empírica no âmbito da história, pois permitem realizar uma leitura histórica da fotografia, de forma a favorecer o desenvolvimento da consciência

crítica, compreensão dos conteúdos estudados e valorização da memória, do sentimento de pertença e do patrimônio histórico inserido na mesma.

Como bem afirma PELEGRINI, “Os bens culturais apreendidos como ‘expressões da alma dos povos’ conjugam as reminiscências e o sentido de pertencimento dos indivíduos, articulando-os a um ou mais grupos e lhes assegurando vínculos identitários.” (2009, p.14)

2. METODOLOGIA

A História Cultural ao incorporar os novos enfoques temáticos da historiografia a partir da proposta da Escola de Annales, estabeleceu necessariamente relações com outros campos de conhecimento e novos tipos de documentos. Abre-se o campo para as representações sociais e o imaginário social das sociedades pesquisadas através das produções de imagens, como a fotografia. Dessa maneira, tanto a História, como diversas outras ciências buscam a partir das imagens explicar as transformações pelas quais a humanidade passou.

Assim sendo, a abordagem local e os conceitos de representação, prática cultural, apropriação, circularidade cultural e dialogismo possibilitam aos alunos e aos professores tratarem esses documentos sob problematizações mais complexas em relação à racionalidade histórica linear. Desse modo, podem desenvolver uma consciência histórica que leve em conta as diversas práticas culturais dos sujeitos, sem o abandono do rigor do conhecimento histórico (PARANÁ, 2006, p. 53).

Considerando a importância da fotografia como documento histórico Burke (2004, p.11), afirma que, “Imagens têm o seu lugar ao lado dos textos literários e testemunhos orais”, confirmando assim, o status da iconografia fotográfica para os estudos históricos.

Contudo, ao se falar de fotografia e o seu uso em sala de aula, notadamente na disciplina de História, é necessário uma compreensão do que ela constitui enquanto produção humana e fonte documental, qual a sua utilidade, o seu leque de possibilidades de análises, bem como suas limitações.

A fotografia é indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo dele. A imagem fotográfica pode e deve ser utilizada como fonte histórica. Deve-se entretanto, ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um enfoque da realidade passada: um aspecto determinado. (KOSSOY, p. 118, 2012)

Somente a partir deste entendimento é que podemos estabelecer parâmetros e análises sobre a forma de se utilizar este documento, não meramente como ilustração, mas como fonte de apreensão, compreensão e produção de conhecimentos, aliando-se a imagem ao texto escrito na busca do conhecimento histórico.

Para tanto, abre-se um leque de questionamentos e problematizações:

Para o ensino de História, em que a fotografia poderá ser útil? Quais as contribuições que a mesma poderá trazer? Que espécie de informações podemos obter? Como utilizá-la em sala de aula?

Na tentativa de se responder tais questionamentos, e ao eleger a fotografia como fonte de estudo histórico, junto aos alunos do Ensino Básico – Anos Finais do Ensino Fundamental, será apresentada uma proposta de intervenção pedagógica, onde considerar-se-á a fotografia, como ferramenta de ensino.

Mauad, embasada em Le Goff, afirma:

É importante considerar a fotografia simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. (Le Goff, 1985). No primeiro caso, considera-se a fotografia a marca de uma materialidade passada que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. (MAUAD, p 264, 2012).

O objetivo não é colocar a fotografia, como fonte única do saber histórico, mas considerá-la como um documento que deve ser investigado, interrogado, uma vez que é constituída, historicamente de critérios ideológicos e sociais.

Para tal considerar-se-á, como objetivos, junto aos educandos:

- A identificação da fotografia como fonte de estudo, com potencial de reflexão e constituição da consciência histórica.

- O registro dos elementos históricos presentes na imagem fotográfica.
- A utilização de procedimentos de análise iconográfica e compreensão histórica da imagem (interpretação iconológica).
- A valorização da memória, e do espaço local (micro história), como ponto de partida para a compreensão, de forma historicizada da macro história.
- A compreensão das mudanças e permanências histórico-culturais contidas ao longo do tempo.

2.1 ANÁLISE ICONOGRÁFICA

Quase sempre nos atemos a observar uma fotografia pela beleza ou não retratada na mesma, sem contudo buscarmos sermos críticos e analisarmos as várias linguagens que a mesma traz em seu bojo, seja como documento, como representação ou lembrança de uma época. Todavia, nos questionamos: “De que maneira utilizaremos a fotografia como documento histórico?”

Ao se falar de fotografia e o seu uso na sala de aula, notadamente na disciplina de História é necessário uma compreensão do que ela constitui enquanto produção humana e fonte documental, qual a sua utilidade, considerando as várias possibilidades de análises, bem como suas limitações.

Realizar um levantamento da fotografia, sobre onde, quando, por quem e com que finalidade a mesma foi realizada, ou seja, buscar nos detalhes da foto informações que nos deem pistas no desvelamento de sua real história, trata-se da análise iconográfica.

Kossoy (2012, p. 81) considera “análise iconográfica como sendo o registro visual, a expressão, isto é, o conjunto de informações visuais que compõem o conteúdo do documento”.

Confrontar a imagem com todas as informações que podemos coletar, e contextualizá-la social, cultural e economicamente com a história local e global de sua época, trata-se da interpretação iconológica.

A leitura da imagem pode envolver os mesmos elementos dialógicos presentes na leitura de textos escritos, pois, como expõe Mauad (1996, p. 86), “Os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultados de um jogo de

expressão e conteúdo que envolve, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor”.

E como salienta Araújo:

Qualquer análise iconográfica pode começar pela contextualização da imagem: discutir o momento em que foi produzida e a quem foi destinada e, em seguida, partir para a interpretação de seus sentidos. (ARAÚJO, p. 79. 2013)

Desta forma, fazendo uso de uma fotografia do passado maringense, metodologicamente iniciar-se-à pela apresentação e identificação da fotografia, com o uso de uma ficha/roteiro que possibilite a análise iconográfica, como caminho inicial para que os educandos a percebam como documento histórico.

APRESENTAÇÃO DA FOTOGRAFIA:

A fotografia registra um grupo de colonizadores, final da década de 1940, exibindo uma peroba rosa, em plena fase de colonização de Maringá – PR. Na ocasião, o desmatamento se dava em prol da urbanização e da formação das propriedades rurais. O grupo aparece “naturalmente” bem vestido, acompanhado de crianças, demonstrando a presença da família.



Serraria Brenner – peroba gigante. 1948. Autor desconhecido. Album III, tomo n. 0154, p. 77, foto 246. Dimensões: 17,60 x 11,80. Maringá.
Fonte: Museu Bacia do Paraná. UEM. 2013

Sugestão de roteiro para análise iconográfica de fotografia pelos/as alunos/as, com base nas reflexões e proposições de Ana Maria Mauad (1986), com adaptações da autora.

Importa frisar que, o roteiro almeja exercitar nos/as alunos/as a arte de observar e extrair as informações, levando-os/as à pesquisa e a produção de conhecimento histórico.

Roteiro:

a) Propor observações sobre a origem e as características da imagem:

1. Ano; local registrado; cidade; autoria da imagem; tamanho; nitidez; colorido; origem da imagem; tipo de espaço (aberto ou fechado);

b) Constituição - O que se vê na imagem:

1. Qual foi o tema (evento)?
2. Quais são os objetos apresentados na fotografia?
3. Quais são os personagens apresentados na fotografia?
4. () Adultos. Quantos homens e quantas mulheres?
5. () Crianças. Quantos meninos e quantas meninas?
6. Como identificou os personagens retratados como adultos e crianças?
6. Qual é o posicionamento dos personagens, sentado ou de pé? :
7. O espaço é urbano ou rural? Explique.
8. Do que viu na imagem, o que lhe chamou a atenção?

c) Circulação e consumo

1. No seu modo de ver o que o fotógrafo queria registrar?
3. É possível identificar a intenção ou intenções do fotógrafo ao registrar tal cena?

2.2 INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA

Boris Kossoy (2012, p. 128 - 129), embasado em Weinstein; Booth salienta que a comunicação não-verbal ilude e confunde. Que deve-se perceber na imagem o que está nas entrelinhas, como se faz com os textos. “É preciso aprender a esmiuçar as fotografias criticamente, interrogativamente e especulativamente. [...] Há de se recuperar pacientemente particularidades daquele momento histórico retratado, pois uma imagem histórica não se basta em si mesmo”.

Para ele, tal é o desafio a enfrentar: “Não deixar de ousar na interpretação: esta é a tarefa”.

Partindo dessa premissa, o trabalho com fotografias deve adquirir o formato de investigação, no sentido de complementar, construir ou reconstruir o conhecimento histórico, respeitando os rigores metodológicos da disciplina, no intuito de ampliar e não isolar o conhecimento já produzido.

Assim sendo, dar-se-à continuidade ao roteiro de análise da fotografia exposta. Contudo, neste momento trata-se de uma interpretação iconológica da mesma, visando “ler nas entrelinhas” o que se encontra além da “verdade iconográfica”.

Sugestão de **roteiro** para auxiliar na interpretação iconológica, segundo Mauad, com adaptações da autora:

A) Memória X Conhecimento Prévio

1. O que você sabe a respeito do que vê na imagem?

B) Contexto da Fotografia (Pesquisar)

(Os alunos serão orientados a pesquisar em livros, revistas e internet. E também entrevistar pessoas mais velhas e familiares para obter as respostas propostas)

Roteiro da pesquisa:

1. Como era viver em Maringá em 1948?

2. Como era a infraestrutura urbana de Maringá em 1948, ano da fotografia?
3. Qual era a economia maringaense predominante no período retratado?
4. Como as pessoas se vestiam, por que os homens tinham o hábito de usar chapéus ?
5. Qual ou quais acontecimento(s) mais significativo(s) acontecia(m) no país e no mundo, quando foi feita a fotografia? Por exemplo, informe-se quem era o Presidente da República; quais fatos e acontecimentos marcantes; como era viver em São Paulo e no Rio Janeiro e, aqui, em Maringá.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado da análise iconográfica, nota-se que a fotografia está bem elaborada sob o prisma estético. Em primeiro plano há uma rua sem pavimentação, porém em bom estado de conservação. Em segundo plano (ao centro) harmoniosamente se encontram o caminhão, a peroba e as pessoas bem distribuídas, em pose próprias para fotografia. Em terceiro plano o poste de eletrecidade, como demonstração de progresso e o céu dimensionado em equilíbrio ao restante do exposto, em perfeita composição.

A partir da interpretação iconológica, conclui-se que a serenidade demonstrada por esta imagem “romântica” da derrubada da mata, e a exibição de uma bela peroba rosa, camufla uma realidade “escondida” além da imagem.

Para se chegar a este resultado da interpretação iconográfica foi realizado debate com a exposição oral das pesquisas e entrevistas, complementadas com os seguintes questionamentos:

- De quem se fala e de quem não se fala? Quais homens e crianças são retratados? Será que neste período não tinham moradores indígenas nesta região? Por que não aparecem? Porque as mulheres não estão na cena? O que vocês supõem que estejam fazendo? Seria a cidade habitada somente por esses homens? E os outros? Quem seriam eles e o que estariam fazendo naquele dia, naquela hora? Quem demonstra

ser rico ou pobre? Porque? Observando a indumentária (roupas, chapéus e calçados) é possível analisar os hábitos culturais de Maringá, na década de 1940? Dos homens, quem se mostra com roupa chique e quem se mostra com roupa de trabalho? São roupas do dia a dia ou de ocasiões especiais? E as crianças, como estão vestidas? Os homens usam chapéus. Porque será? A fotografia proporcionou conhecimento sobre a cultura da época, por quê? Nas entrevistas foi possível notar o sentimento de pertença, das pessoas mais velhas, em relação a fotografia e à época retratada? A memória deve ser valorizada na compreensão do processo histórico?

A pesquisa proporcionou conhecimentos sobre o processo da colonização; a relação de poder e de trabalho nos primórdios da cidade de Maringá; a expropriação dos índios; a exploração dos trabalhos dos mateiros e das crianças; a árdua vida a que as mulheres eram submetidas na zona rural ; os tipos de vestimentas; entre outros aspectos. Igualmente se firmou a importância do conhecimento histórico local, contextualizado com o global, via registros históricos escritos e orais.

3. CONCLUSÕES

Nos últimos anos, a importância de trabalhar a consciência histórica nas aulas de história, no sentido de promover o conhecimento significativo e despertar o interesse dos educandos, gerou a necessidade de buscar estratégias que possibilitem trabalhar com os elementos da consciência histórica, de forma a trazer significados para a história estudada.

A fotografia que ficou por muitos anos relegada a mero instrumento de ilustração da linguagem escrita, ganhou importância como documento histórico. Contudo, conforme afirma Kossoy, a fotografia ou um conjunto de fotografias não constituem os fatos passados. Elas apenas congelam, nos limites do plano da imagem, fragmentos desconectados de um instante de vida das pessoas, coisas, natureza, paisagens urbanas e rurais. Cabe ao intérprete compreender a imagem fotográfica enquanto informação descontínua da vida passada, na qual se pretende mergulhar. (KOSSOY, 2012, p. 127).

Portanto, ao propor o uso da fotografia como documento histórico sugerimos metodologicamente a análise iconográfica com a contextualização da imagem, propondo discutir o momento em que foi produzida e a quem foi destinada e, em seguida, partir para a interpretação de seus sentidos, fazendo uso da interpretação iconológica.

Concluimos que iniciar a discussão da colonização maringaense pelo uso da fotografia proporcionou aos educandos uma postura crítica frente aos acontecimentos sociais de épocas passadas. Também registrou a importância da memória e da valorização do patrimônio histórico cultural na compreensão da constituição dos fatos históricos, propiciando conhecer e entender de forma contextualizada, a história local (micro) inserida na história geral (macro).

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelo da Silva. **Era uma vez uma imagem**. Rio de Janeiro: UFRJ – Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia como fonte histórica: introdução a pesquisa e interpretação das imagens do passado**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História**. *Interfaces*. Rio de Janeiro, Vol.1. n. 2, 1996.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. **História e Fotografia. In: Novos Domínios da História**/ organizadores Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares estaduais para o ensino de História**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2008.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural: Consciência e Preservação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.